

« Guerra, Paz e Meio ambiente na América Latina. Do século XIX a nossos dias »

Colóquio internacional

Data do colóquio: 28-30 de agosto de 2024

Lugar: Museu Nacional de Colombia, Bogotá - Colombia

Data limite para o envio das propostas: 15 de janeiro de 2024

Nas duas últimas décadas as pesquisas que abordam os conflitos armados e a paz tem levado cada vez em conta a dimensão ambiental. De fato, estamos assistindo uma mudança de paradigma, além da divisão entre Natureza e Cultura (Descola P., 2003) ou entre humanos e não humanos (Latour B., 2014) que estruturava o pensamento ocidental, na Hispano-América desde o século XVIII (Nieto Olarte M., 2007). O auge de uma maior consciência da fragilidade dos sistemas ecológicos, das contribuições dos saberes subalternos e do impacto das mudanças climáticas têm propiciado uma mudança de perspectiva e uma crítica do modelo de desenvolvimento dominante (Glifo N. *et al.*, 2020). Entre os pioneiros deste desenvolvimento devemos destacar os antropólogos, que sublinham a dimensão ecológica dos conflitos para os povos indígenas (Morey R. 1971; Gómez L. A.J. 1998). Além disso, o auge da história ambiental na América Latina tem permitido renovar nossa compreensão do continente (Meléndez Dobles S., 2002; Gallini S, 2009; Palacio G., 2018; Leal *et al.*, 2019). Por outro lado, este colóquio se apoia também nos últimos avanços das pesquisas em estudos ambientais e em estudos de paz que mostram como os habitantes das regiões em guerra tem desenvolvido estratégias para sobreviver (Losonczy A.M., in Gómez D, Tobón Ocampo M., Romio S. *Más allá del conflicto*, 2023). Numa perspectiva pluridisciplinar, e com um enfoque especial sobre a história e a antropologia, este colóquio pretende valorizar as perspectivas inovadoras para pensar los vínculos entre los conflictos armados, os processos de paz e o meio ambiente, no âmbito latino-americano.

As propostas científicas enviadas ao congresso podem se inscrever em um destes eixos temáticos ou em outros âmbitos que correspondam a temática geral do colóquio.

1) Em nome da “Civilização”: Guerras e captação de recursos

O binômio “Civilização” e “Barbárie” foi central na visão do mundo das elites latino-americanas do século XIX e da primeira metade do século XX. Esta oposição entre um mundo rural definido como “bárbaro” por um lado y uma cidade letrada “civilizada” aparece em obras paradigmáticas da identidade latino-americana como *Facundo o Civilización y Barbarie en las pampas argentinas* (Sarmiento D. F., 1845), *La vorágine* em Colombia (Rivera J.E, 1924), *Os Sertões* no Brasil (Da Cunha E., 1902) y *Doña Bárbara* na Venezuela (Gallegos R., 1929). Os territórios nos quais os Estados pretendiam estender seus domínios solían ser apresentados como “desertos”, para justificar a deposição de suas terras dos povos originários, como foi o caso da Patagônia em finais do século XIX (Navarro P., 2004 y 2011). Este discurso foi também un apoio para a expansão do capital em territórios onde se buscava matéria prima, como a Amazônia para a borracha (Pennano G., 1988), onde os empresários conduziam um “processo civilizatório (...) forçado a sangue e fogo” (Palacio G., 2018, p. 287). Esta visão do mundo sirviu para justificar os conflitos posteriores como la “guerra de exterminio” contra los indígenas na Orinoquia colombo-venezolana (Gómez A. J., 1998).

2) Territórios em disputa: os combatentes, os civis e o meio-ambiente

Durante las guerras de Independência, múltiplos grupos de combatentes percorreram as regiões rurais de América como os pampas do Río de la Plata, ou os Llanos de Nova Granada e a Venezuela, que foram o refúgio de guerrillas patriotas ou realistas (Halperín Donghi, 1972, Thibaud 2003,

Rabinovich, 2013). Estes fenômenos sprossegiram durante las guerras civis do século XIX (Hébrard, 2023). A partir dos anos 1950, guerrillas de inspiração marxista se estabeleceram em regions como a Sierra Maestra, com os combatentes cubanos do M-26, ou a Sierra Central do Peru com o Sendero Luminoso. Podemos nos perguntar, quais eram las relações entre estes grupos e seu meio ambiente, suas lutas para controlar o território e seus recursos? Se podem também analisar suas representações da natureza, como as “raízes eco-geográficas da hiper-masculidade Fidelista, personificada no apelido de “barbudo” (Wolfe M., 2022).

Para lutar contra estes grupos, os exércitos regulares tiveram que entrar em regiões remotas, e desenvolver uma reflexão sobre la contra-insurgência, evando em cuenta (ou considerando) o meio ambiente. En certas ocasiões, grupos paramilitares se constituíram, com suas próprias maneiras de impactar los territórios. De manera paradoxal, os conflitos podem também favorecer a preservação de certos eco-sistemas, ja que tal situação não favorece os investimentos assim como os grandes projetos extrativos, como foi o caso na Amazônia Colombiana (Rodríguez Garavito y Rodríguez Franco, 2017). Nestes conflitos, os camponeses, os afro-descendentes e os indígenas são populações vulneráveis, frente ao impulso das dinâmicas implementadas pelas autoridades estatais, proprietários de terra ou grupos armados. Assim, os povos *mayas* que enfrentaram as “guerras verdes” e os atos ambivalentes de agências conservacionistas (Ybarra M., 2018). Em certos casos, la convergência entre militarização y eco-turismo pode ser questionada (Devine J., 2014). Deve-se também interrogar quais são as visões e os usos do meio ambiente próprios aos grupos subalternos nos contextos bélicos.

Além das montanhas, bosques, savanas e outros meio-ambientes terrestres, as zonas vinculadas à agua como os rios, as costas, as ilhas, os lagos ou os pântanos, são também lugares onde operam processos conflitivos de territorialização que podem ser analisados.

3) Pós-guerra e processos de paz: Oportunidade ou perigo para o meio-ambiente?

Dos tratados de paz do pós-guerra civil no século XIX até os processos de paz firmados por diferentes grupos armados nos séculos XX e XXI, e suas fases de implementação, la possessão e uso da terra se evidenciou sempre como um eixo central dos pós-acordos. Além disso, o meio-ambiente pode também ser considerado como “vítima dos conflitos” (Lyons K., 2022) ou, às vezes, como “benefício paradoxal do conflito” (Rodríguez Garavito, C. Rodríguez Franco D., Durán Crana, H., 2018). Do mesmo modo, las guerras não se terminam sempre por processos de paz, mas as vezes por vitórias militares brutais, tanto para os seres humanos como para a Natureza, o que pode implicar interrogar a nocão de ecocídio e assim analisar os processos de resiliência ou de readaptação, mas também la vulnerabilidade provocada pela guerra (Altez R., 2006). Por outro lado, la memória da guerra se inscreve nas paisagens depois do conflito com a ou edificação de monumentos e estelas para comemorá-los. Portanto, é necessário examinar los efeitos ambientais concretos dos conflitos armados e dos processos de paz en diferentes espaços socio-ambientais.

4) Os animais, as plantas e outros seres naturais : entre guerra e paz

As relações entre humanos e não-humanos suscitam cada vez mais o interesse das ciências sociais. Assim, os mosquitos e as enfermidades que transmiten contribuíram à la derrota espanhola na guerra de Independência (Mc. Neill J., 2010) Em todos os conflitos, desde o século XIX, animais como os cavalos ou as mulas tem sido protagonistas estratégicos. Portanto, serão bem vindas as comunicações capazes de avaliar o papel destes animais nos processos de transição política. Os civis proprietários de animais en territorios de conflito são também parte desta história. Durante os conflitos armados do século XX, as violencias contra los animais também fizeram parte das táticas de grupos como o Sendero Luminoso (Culp F. 2021). Os animais selvagens devem ser considerados por serem fonte de alimentos, mas também porque seu hábitat foi perturbado pelas guerras. De fato, ao considerar la natureza como vítima, os acordos de paz na Colômbia incluem os animais como potenciais beneficiários do pós-acordo (Rodríguez Garavito C.,

Rodríguez Franco D., Durán Crana, H., 2018). Os danos sofridos por outros “não-humanos”, como las plantas, los bosques, los ríos e outros seres e espaços naturais durante los conflictos são também de grande interesse para este colóquio.

Cada proposta se compõe de textos num único documento (OpenOffice o Microsoft Word, Times New Roman, tamaño de letra 12), en um destes quatro idiomas: espanhol, português, frances, inglês:

- 1) uma apresentação pessoal (menos de 300 palavras)
- 2) un resumo de la comunicação prevista (menos de 500 palavras).

A apresentação pessoal inclui dados para contacto (nomes e sobrenomes, correio eletrônico, número de celular, endereço) e uma breve descrição do perfil acadêmico e áreas de pesquisas.

Cada resumo da comunicação deve propor um título provisório, uma problematização detallada do tema apresentado e descrever as fontes o el trabalho de campo que servem de base à reflexão científica.

O colóquio se desenvolverá de forma presencial e contará com eventuais apoios, que serão atribuidos em função do orçamento do evento depois da fase de seleção das comunicações.

As propostas devem ser enviadas, no mais tardar, em 15 de fevereiro de 2024 aux endereços abaixo :

jjcardenash@ut.edu.co
frederic.spillemaeker@cncs.fr

Comité de organização

John Jairo Cárdenas, Universidad del Tolima
Sandra Martínez Calle, Museo Nacional de Colombia
Frédéric Spillemaeker, Instituto Francés de Estudios Andinos (IFEA)

Comité científico

Anne-Gaël Bilhaut, Institut de recherche pour le développement (IRD)
Alhena Caicedo, Instituto Colombiano de Antropología e Historia (ICANH)
Juliette Dumont, Centre Franco-argentin des Hautes études en Sciences Sociales (CFA)
Arnaud Exbalin, Université Paris Nanterre
Irène Favier, IFEA
Véronique Hébrard, Université de Lille
Claudia Leal, Universidad de los Andes
William López Rosas, Museo Nacional de Colombia
Anne-Marie Losonczy, Ecole Pratique des Hautes Etudes
Carlos Andrés Meza, ICANH
Francisco Ortega, Universidad Nacional de Colombia
Germán Palacio, Universidad Nacional de Colombia
Carlos Páramo, Universidad Nacional de Colombia
Nicolas Richard, Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS)- IFEA
Sébastien Rozeaux, Université Toulouse Jean Jaurès
Geneviève Verdo, Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne

Bibliografía indicativa

Altez, Rogelio. *El desastre de 1812 en Venezuela: sismos, vulnerabilidades y una patria no tan boba*, Caracas, Universidad Católica Andrés Bello-Fundación Polar, 2006.

Culp, Fritz, « The Dogs of War: The Animals of the Internal Armed Conflict in Peru (1980-2000) », *Age of Revolutions, An Open Access, Peer Reviewed Journal*, 2021.

Descola, Philippe, *Antropología de la Naturaleza*, Lima, IFEA-Lluvia editores, 2003.

Devine, Jennifer A., «Counterinsurgency ecotourism in Guatemala's Maya Biosphere Reserve», *Environment and Planning D: Society and Space*, 32, 984-1001, 2014.

Gallini, Stefania, « Historia, ambiente, política: el camino de la historia ambiental en América Latina », *Nómadas*, No. 30, 92-102, 2009.

Gligo Nico et al., *La tragedia ambiental de América Latina y el Caribe*, Santiago, CEPAL-Naciones Unidas, 2020.

Gómez L., Augusto, «La guerra de exterminio contra los grupos indígenas cazadores-recolectores de los llanos orientales (siglo XIX y XX)». *Anuario Colombiano De Historia Social Y De La Cultura*, n.º 25, 351-376, 1997.

Gómez Diana, Tobón Ocampo Marco y Romio Silvia (éd.), *Más allá del conflicto armado. Memorias, cuerpos y violencias en Perú y Colombia*, Bogotá-Lima, Universidad de los Andes-IFEA, 2023

Halperín Donghi Tulio, *Revolución y guerra: formación de una élite dirigente en la Argentina criolla*, Buenos Aires, Siglo XXI, 1972.

Hébrard, Véronique, *La Faction de la Sierra. Un apprentissage du politique entre engagement et contrainte. Venezuela, 1858-1859*, Rennes, Editions Les Perséides, 2023.

Latour Bruno. *Cara a cara con el planeta. Una nueva mirada sobre el cambio climático alejada de las posiciones apocalípticas*, Buenos Aires, Siglo XXI Editores, 2017.

Leal, Claudia, Soluri, John y Pádua José Augusto (éd.), *Un pasado vivo. Dos siglos de historia ambiental latinoamericana*, Bogotá, Fondo de Cultura Económica-Universidad de los Andes, 2019.

Losonczy, Anne-Marie, « Revivir lo derruido: patrimonialización y santificación de un poblado negro destruido (Chocó, Colombia) en Gómez Diana, Tobón Ocampo Marco y Romio Silvia, *op. cit.*, 61-91, 2023.

Lyons, Kristina, 2022. « Nature and Territories as Victims: Decolonizing Colombia's Transitional Justice Process », *American Anthropologist* 1-14, 2022.

Mc Neill, John, *Mosquito Empire. Ecology and War in the Greater Caribbean, 1620-1914*, Cambridge, Cambridge University Press, 2010.

Mélendez Dobles, Silvia. « La historia ambiental: aportes interdisciplinarios y balance crítico desde América Latina »: *Cuadernos Digitales: Publicación electrónica en historia, archivística y estudios sociales*, Vol. 7, No. 19., 18-20, 2002.

Navarro, Pedro, *Patagonia. Ciencia y Conquista*, Neuquén, Centro de Estudios Patagónicos-Facultad de Ciencias de la Educación-Universidad Nacional del Comahue, 2004.

Navarro, Pedro « Territorios marginales: Los desiertos inventados latinoamericanos. Representaciones controvertidas, fragmentadas y resignificadas », en *Los desiertos en la Historia de América*, coordinado por Deni Trejo, México, D.F, Instituto de Investigaciones Históricas de la Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo-Facultad de Ciencias Sociales, Universidad Autónoma de Coahuila, 207-226, 2011.

Nieto Olarte, Mauricio, *Orden natural y orden social: ciencia y política en el semanario del Nuevo Reino de Granada*, Madrid, Ministerio de Educación y Ciencia-CSIC, 2007.

Palacio, Germán, *Territorios improbables. Historias y ambientes*, Bogotá, Cooperativa Editorial Magisterio Diagonal, 2018.

Pennano, Guido, *La economía del caucho*, Iquitos, Centro de Estudios Teológicos de la Amazonía, 1988.

Rabinovich, Alejandro, *La société guerrière. Pratiques, discours et valeurs militaires au Rio de la Plata. 1806-1852*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2013.

Rodríguez Garavito, César, Rodríguez Franco Diana, Durán Crana, Helena, *La paz ambiental: retos y propuestas para el posacuerdo*, Bogotá, Dejusticia, 2017.

Thibaud, Clément, *Repúblicas en armas. Los ejércitos bolivarianos en la Guerra de Independencia en Colombia y Venezuela*, Bogotá-Lima, Planeta-IFEA, 2003.

Wolfe , M., «Volverse Barbudos. Cómo los Fidelistas Lucharon Contra el Clima y la Geografía de la Sierra, y Tomaron Ventaja de Ellos para Legitimar su Dominio Masculino ». *Historia Ambiental Latinoamericana Y Caribeña (HALAC) Revista De La Solcha*, 12(3), 355-405, 2022.

Ybarra, Megan, *Guerras verdes: conservación y descolonización en el bosque maya*, AVANCSO, Ciudad de Guatemala, 2021.